

18) "Moveu-se de compaixão"

"O viu e moveu-se de compaixão" (Lc 10,33)

O desencadear, o salto, consiste na piedade, na compaixão. Toda a diferença interior entre os outros dois viajantes e o Samaritano, está na compaixão. É a compaixão que muda tudo, que distingue o Samaritano dos outros dois. É a piedade, a compaixão que, na parábola, faz desencadear a responsabilidade no Samaritano e o torna próximo do homem ferido e abandonado. Já no texto, o ato de "fazer-se próximo", de "fazer-se o próximo", segue imediatamente o movimento da compaixão que sente pelo outro: "... o viu e moveu-se de compaixão. Fez-se próximo..." (10,33-34).

A expressão "moveu-se de compaixão" é a mesma utilizada na parábola do filho pródigo para descrever o movimento interior do pai quando vê seu filho, que está retornando de longe: "levantou-se, pois, e foi ter com seu pai. Estava ainda longe, quando seu pai o viu e, movido de compaixão, correu-lhe ao encontro, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou" (Lc 15,20).

É essencialmente a mesma cena, a mesma situação: alguém vê um miserável, um "meio morto"; é movido pela compaixão e se aproxima dele até o contato físico: os cuidados do Samaritano, o abraço e os beijos do pai.

Ora, o pai da parábola do filho pródigo é uma ilustração de Deus, um ícone da misericórdia de Deus, um retrato do Pai do Céu. Também o Samaritano, no fundo, ilustra o amor de Cristo; mas nesta parábola, Jesus descreve sobretudo o homem chamado a imitar a Deus, enquanto foi criado à sua imagem e semelhança.

Isto significa que o desencadear da responsabilidade diante da miséria do próximo, tem a consistência e a importância da imagem de Deus inscrita em nosso coração, em nossa liberdade; uma imagem que o pecado ofuscou, mas que, em um certo sentido, se ativa e se reconstrói sobretudo na compaixão. A compaixão para com o próximo é como um despertar da imagem de Deus em nós, e nada realiza o nosso "eu", nada é para nós "vida eterna", quanto o fato de se tornar realmente a imagem do Criador, do Deus que é Amor, Misericórdia.

Isto então significa, que o movimento da compaixão que se sente diante da miséria e do sofrimento do outro, não é apenas um sentimento. Ou melhor: é um sentimento, mas não puramente sentimental. É, de fato, uma posição do coração e da liberdade que se funda sobre o modo em que somos feitos por Deus; é um sentimento que vem da ontologia mais radical da nossa natureza humana, do nosso ser mais profundo, porque, no princípio, fomos criados à imagem e semelhança de Deus, misericordioso e compassivo.

Este movimento interior permanece sentimental se, a partir deste, não desencadeia a responsabilidade. Se paramos no sentimento de compaixão, seria como sentir, por um instante, saudade de nossa infância. É bom, mas não nos faz voltar a ser crianças. Se, ao invés, desencadeia a responsabilidade, é como se aquilo que temos saudade, se tornasse uma experiência presente.

Há uma descrição marcante disto no capítulo 21 de *Os Noivos*, o famosíssimo romance de Alessandro Manzoni, onde o Innominato, um senhor muito poderoso, que passou toda sua vida no crime e na violência, faz sequestrar Lúcia, a noiva, para entregá-la a Don Rodrigo, um outro homem sem escrúpulos, que anseia por esta

jovem. O servo encarregado do sequestro, do eloquente apelido Gavião, uma ave rapina, um homem acostumado a todos os tipos de crime, voltando para o castelo de Innominato com Lúcia, vai até seu senhor, para prestar conta do feito. Tudo correu bem, mas tem um "mas".

"- Mas ... digo a verdade, teria mais prazer se a ordem tivesse sido de dar um tiro nas costas, sem ouvi-la falar, sem ver seu rosto.

- Que? Que? O que queres dizer?

- Eu quero dizer que todo aquele tempo, todo aquele tempo ... causou-me muita compaixão.

- Compaixão! O que sabes sobre compaixão? O que é a compaixão?

- Eu nunca entendi tão bem quanto desta vez: é uma história a compaixão, um pouco como o medo: se alguém se deixa possuir, não é mais homem."

O Innominato não consegue mais se livrar dessa palavra, "compaixão", e do fato que Lúcia conseguiu causar este sentimento em um homem duro e violento como Gavião.

"Algun demônio esta possui, pensava então [...], algum demônio, ou ... algum anjo que a protege ... Compaixão no Gavião! ... Amanhã de manhã, amanhã de manhã, bem cedo, ela vai pra fora daqui; para seu destino, e não se fala mais nisso, e continuava consigo, com aquele ânimo, com o qual, se dá ordem a um menino rebelde, sabendo que não obedecerá, e não se pensa mais nisso. [...] Mas atravessaram-lhe, de novo, à mente as palavras: compaixão no Gavião!

"Como ela fez? Continuava, arrastado por aquele pensamento. Quero vê-la ... Eh! não ... Sim, quero vê-la'."

"Compaixão no Gavião!". É esta palavra, esta realidade, que não dá paz ao Innominato, porque corresponde ao seu coração infinitamente mais do que todo o mal que fez. Esta palavra o arrasta, embora com relutância, a reencontrar sí mesmo, a reencontrar sua verdadeira identidade, sua verdadeira liberdade. E também nele, como no Samaritano, desencadeia uma necessidade de proximidade: vai até Lúcia. E encontrando-a deixa-se ferir, ele também, pela compaixão por ela, e decide tomar conta de sua miséria, de tomar conta dela, protegê-la e salvá-la do mal que a ameaça. "Amanhã de manhã nos vemos de novo, vos digo. E agora, coragem. Reposue. Acho que necessitais comer. Agora vos trarão".

Isto, esta atenção, esta compaixão, mudam toda a sua vida, a resgatam, a renovam. Além disso, é a própria Lúcia que lhe explica isto com uma passagem do catecismo popular, que deve ter aprendido de cór, quando era criança: "Deus perdoa tantas coisas, por uma obra de misericórdia!".

A compaixão é portanto, um movimento do coração, um sentimento, que nunca se pode desprezar, mesmo que, na maioria das vezes, o transformamos, rapidamente em sentimentalismo; mas, como dizia, por sua natureza, este movimento não é sentimental, porque é ontológico, está no coração de nossa natureza, é a substância mais verdadeira e mais profunda de nosso coração, criado à imagem e semelhança de um Deus, que é Amor e Misericórdia. O Gavião se engana quando diz que se alguém é movido pela compaixão, não é mais um homem. É verdade exatamente o contrário.